



## PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE – APROXIMAÇÕES COM OS SABERES SOCIOCULTURAIS NO CONTEXTO DE FRONTEIRA

SIMONE ALVES EMED

### RESUMO

Este trabalho aborda como tema o complexo entrelaçamento entre fronteiras e saberes socioculturais, dentro da perspectiva da educação intercultural. Como objetivo propõe explorar as interações entre a prática docente e os saberes socioculturais no contexto de fronteira, destacando a importância do encontro entre diferentes culturas e as estratégias pedagógicas necessárias para uma educação interculturalmente sensível. Quanto à metodologia e aos procedimentos utilizados nesta pesquisa: trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo com abordagem qualitativa. Nesse tipo de pesquisa busca-se “[...] explicar um problema a contar de referências teóricas publicadas em artigos, livros e dissertações e teses” (Cervo, Bervian & Silva, 2007, p.60). O aspecto qualitativo é fundamental nesse tipo de pesquisa, uma vez que atende de forma apropriada a pesquisa em ciências sociais, pois analisa e compreende o objeto de pesquisa em sua especificidade e subjetividade, além de não desconsiderar toda a complexidade que envolve. Os resultados indicam que é necessário vislumbrar uma educação que tenha como prática social exercitar o respeito e a valorização do indivíduo enquanto um sujeito de direito e compreender que, para dentro dos muros escolares, é necessário enxergar o aluno como ele é de fato, isto é, em sua diversidade. Portanto, levar em consideração os dizeres de cada criança, respeitando sua singularidade, buscando revisar as práticas pedagógicas monoculturais, ainda, fortemente presentes nas salas de aula, é uma pauta urgente. Conclui-se, pois que já desde a educação infantil deve-se trabalhar rejeitando a visão etnocêntrica que divide os saberes socioculturais em “certo” e “errado”. Promover a interculturalidade na educação infantil é uma forma essencial de incentivar o respeito e a valorização da diversidade cultural. Para isso, caminhos possíveis a serem seguidos são o desenvolvimento de um currículo que inclua conteúdos, histórias, brincadeiras e materiais que representem diferentes culturas, estabelecer parcerias com as famílias incentivando-os a compartilhar suas tradições culturais. Apresentar contos, histórias que apresentem personagens de diferentes culturas e tradições, isso ajuda as crianças a desenvolverem empatia, a compreenderem perspectivas diferentes e respeitarem ao próximo.

**Palavras-chave:** fronteira, educação infantil, interculturalidade, diversidade, docência.

### 1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, as fronteiras têm desempenhado um papel significativo na formação dos saberes socioculturais, essas fronteiras podem assumir diversas formas, como fronteiras geográficas entre nações, fronteiras simbólicas que delimitam identidades culturais e até mesmo fronteiras conceituais que separam diferentes áreas de conhecimento.

Esta pesquisa busca explorar o complexo entrelaçamento entre fronteiras e saberes

socioculturais, dentro da perspectiva da educação intercultural. A prática docente desafia constantemente os educadores a enfrentarem a diversidade cultural presente em sala de aula, especialmente em regiões de fronteira, onde diferentes saberes socioculturais convergem e se entrelaçam. Esta pesquisa tem como objetivo explorar as interações entre a prática docente e os saberes socioculturais no contexto de fronteira, destacando a importância do encontro entre diferentes culturas e as estratégias pedagógicas necessárias para uma educação interculturalmente sensível.

Entende-se que a instituição escolar pode e deve ser um espaço fecundo de trocas culturais. Daí a importância de repensar em como promover a inserção de estudantes oriundos de diversas matrizes culturais. Para isso, é de suma importância a formação do educador em uma perspectiva intercultural, para que esse seja o condutor de um trabalho pedagógico que promova o reconhecimento das diferenças existentes no ambiente escolar, identificando-as como possibilidade de enriquecimento de suas práticas e não de exclusão e/ou invisibilização desses alunos que são sujeitos de direitos.

Buscando estreitar nossa reflexão nessas poucas páginas, como conceber a educação dentro dessa perspectiva na educação infantil? Faz-se necessário pensar que a educação intercultural ocorre durante as interações humanas, dessa forma, temos a possibilidade de promover a transformação social por movimento de emancipação, sem jamais perder de vista a perspectiva sócio-histórica, pois a interação permanente com o outro contribui para a formação da consciência do homem.

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

Quanto à metodologia e aos procedimentos utilizados nesta pesquisa: trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo com abordagem qualitativa. Nesse tipo de pesquisa busca-se “[...] explicar um problema a contar de referências teóricas publicadas em artigos, livros e dissertações e teses” (Cervo, Bervian & Silva, 2007, p.60). O aspecto qualitativo é fundamental nesse tipo de pesquisa, uma vez que atende de forma apropriada a pesquisa em ciências sociais, pois analisa e compreende o objeto de pesquisa em sua especificidade e subjetividade, além de não desconsiderar toda a complexidade que envolve.

Para Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica, além de abranger todas as referências já tornadas públicas em relação ao tema de estudo, também tem a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, mencionam sobre a fase da identificação, sendo uma fase que engloba o reconhecimento do assunto pertinente ao tema em estudo. Dessa forma este estudo está pautado, principalmente, nos postulados teóricos de Bárbara e Haesbaert, Candau, Freire, Santiago; Akkari; Marques e Valenzuela.

Para a busca de trabalhos como fontes de pesquisa, foram empregados os descritores: práticas docentes interculturais; saberes socioculturais, educação na e para a fronteira; educação infantil na fronteira, no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Além disso, houve outras bases de dados utilizados como: Brasil Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil), Revista Científica de Educação. Esta pesquisa está subdividida em cinco partes: 1. Introdução; 2. Materiais e Métodos; 3. Resultados e Discussão; 4. Conclusão; 5. Referências.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Vivemos em uma sociedade com complexa pluralidade linguística, cultural e social, conseqüentemente nossas salas de aulas também são habitadas dessas diferenças pois a escola é um microcosmo da sociedade, porém, existe uma tentativa de apagamento e invisibilização

das diferenças no Brasil. Nesse contexto complexo, se faz necessário desenvolver uma prática social de exercitar o respeito e a valorização do indivíduo enquanto um sujeito de direito e compreender que para dentro dos muros escolares eu também preciso enxergar o meu aluno como ele é de fato, ou seja, considerando sua individualidade, sua subjetividade.

De acordo com Magda Soares:

A escola e os professores devem conhecer a teoria das diferenças dialetais, reconhecer que os dialetos não-padrão são sistemas linguísticos válidos quanto ao dialeto-padrão e assim, ter atitudes positivas e não discriminativas em relação a linguagem dos alunos. (SOARES, 1988, p. 50).

Existe uma diversidade cultural e variedades linguísticas diferentes umas das outras, mas todas igualmente estruturadas, coerentes e complexas. Pensar que certo e errado não existem, o que temos de fato é a variação linguística, isso sim é real. Para além dos muros escolares e também no contexto escolar é necessário levar sempre em consideração, quem é esse que diz? Não posso impor na sala de aula uma prática monolíngue, é necessário no conjunto coletivo de professores pensar os currículos e principalmente pensar sobre políticas públicas locais para nossa realidade enquanto cidade de fronteiras.

Para cada indivíduo nós somos alguém, existe alteridade no tempo e no espaço, somos constituídos por múltiplas identidades, portanto identidade é sempre relacional. Conforme Haesbaert e Bárbara (2009, p. 03) “As identidades, pelo viés antropológico, são construídas historicamente pelos sujeitos na relação e interação espaço-temporal com a alteridade, com o Outro”. A identidade não é algo fixo ou inato, mas sim uma construção social e histórica.

O conceito de alteridade aqui utilizado é o que articula a diferença, a identidade e o outro em uma perspectiva relacional. Alteridade, diferença e identidade são conceitos fluidos que pressupõem não essencializações ou fixidez, mas relações sociais. Portanto, a alteridade pode ser vista como fonte de problemas, como possível diálogo, mesmo que conflituoso, e como noção que remete à ideia do tolerável na trajetória da dinâmica das identidades em relação. Já a interculturalidade é aqui entendida como as relações que advêm da articulação entre alteridade, identidade e diferença em um contexto sociocultural que pressupõe o multiculturalismo.

As interações sociais, culturais, políticas e econômicas moldam a forma como os indivíduos se percebem e se relacionam, o espaço e o tempo desempenham um papel crucial nesse processo de construção identitária. Portanto, todo ser humano é um ser cultural e a partir disso é necessário trabalharmos para uma educação que contribua para promover uma pluralidade sociocultural do país, que vai além das meras celebrações das diferenças.

De acordo com Haesbaert e Bárbara (2009, p. 05):

A globalização, em síntese, ocasiona um efeito deslocador e descentralizador de identidades organizadas em torno de uma cultura e de fronteiras bem definidas (especialmente as fronteiras nacionais), criando novas posições de identificação, mais plurais, menos unitárias e fixas. O indivíduo híbrido é aquele que provém do cruzamento de culturas diferentes, composto por elementos de origens diversas, um indivíduo mesclado. As identidades mudam de acordo com o contexto espaço-temporal ou o modo como o sujeito é conhecido e reconhecido.

As fronteiras são espaços de encontro e interação entre diferentes culturas, o que resulta em uma riqueza de saberes socioculturais. Em contextos de fronteira, podemos observar tanto singularidades quanto similaridades entre os grupos que compartilham esses territórios limítrofes.

As singularidades referem-se às características únicas de cada cultura que se manifestam nesses contextos. Elas podem incluir tradições, idiomas, crenças religiosas práticas culinárias e artísticas específicas de determinada região. Essas singularidades muitas vezes são preservadas e reforçadas nas comunidades fronteiriças, sendo um ponto de orgulho e identidade para as pessoas que as cultivam.

Por outro lado, as similaridades também surgem nos contextos de fronteira. Devido à proximidade geográfica e histórica, é comum que grupos em ambos os lados da fronteira compartilhem certos aspectos culturais, como elementos da língua, tradições folclóricas e práticas cotidianas. Essas similaridades podem ser resultado de trocas culturais ao longo do tempo, migração de pessoas entre as regiões ou até mesmo de políticas de integração fronteiriça.

A troca de experiências e conhecimentos entre os grupos pode gerar sinergias e promover a compreensão mútua, fortalecendo os laços sociais e culturais nessas regiões fronteiriças. Não podemos deixar toda essa riqueza cultural fora do chão da escola. De acordo com Bartolomeu (2006, p. 03):

La frontera es un ámbito que separa pero que a la vez reúne, puesto que no habría fronteras sin nadie del otro lado, por lo que la frontera no sólo distingue a los otros, sino que también ofrece una definición posible del “nosotros” que se contrasta con los de afuera de los límites. Sin los otros, sin aquellos que habitan más allá de nuestras fronteras espaciales, sociales, culturales, políticas, étnicas, económicas o estatales no podríamos constituirnos como colectividad diferenciada, como un nosotros posible sólo gracias a la existencia de nuestros fronterizos otros. Toda identificación étnica o territorial se realiza y se construye a sí misma en base a la confrontación con otras identificaciones. Pero lo que las identifica es que al diferenciamos la frontera nos ofrece la posibilidad de una singularidad en la que afirmarnos, un recurso ontológico para el ser de cada colectividad humana que se percibe como distinta.

O confronto com outras identificações pode desempenhar um papel significativo na construção da identidade étnica ou territorial, mas não é único fator envolvido. A identidade é um processo complexo e multifacetado, influenciado por uma interação complexa de fatores individuais e contextuais. São algumas reflexões que nos possibilitam pensar sobre as crianças e as relações estabelecidas com seus pares, com os adultos, consigo mesma e sua história.

Para a educação infantil o enfoque deve ser na literatura de todos os povos, de todas as línguas, é preciso abrir para as crianças os contextos interculturais e multilinguísticos. Ao introduzir livros e histórias que refletem a diversidade cultural e linguística do mundo, proporcionamos às crianças a oportunidade de explorar e compreender diferentes perspectivas, tradições e idiomas desde cedo. A literatura infantil é uma poderosa ferramenta para promover a consciência intercultural e a valorização da diversidade. Ao apresentar histórias e personagens de diferentes origens étnicas e culturais, as crianças têm a chance de se identificar com protagonistas que podem ser diferentes delas em termos de aparência, língua ou costumes, isso estimula a empatia, o respeito mútuo e a compreensão de que existem muitas formas legítimas de ser e viver.

Além disso, a literatura multilíngue pode ajudar a promover o desenvolvimento da linguagem e da alfabetização das crianças. Ao expô-las a diferentes idiomas por meio de histórias e poesias, estamos ampliando seu repertório linguístico e estimulando o interesse por outras línguas e culturas, isso pode contribuir para uma mentalidade aberta e receptiva em relação à aprendizagem de línguas estrangeiras no futuro.

Para implementar essa abordagem, é importante disponibilizar uma variedade de livros e

materiais que representem a diversidade cultural e linguística. Os educadores podem criar espaços de leitura acolhedores, com bibliotecas bem abastecidas, e selecionar obras que apresentem diferentes povos, tradições e línguas. Também é válido convidar membros da comunidade que falam diferentes idiomas para compartilharem suas histórias e experiências com as crianças.

Como aponta Candau (2008, p. 53), um dos aspectos fundamentais para a construção de uma educação voltada para transformação social é “questionar o caráter monocultural e o etnocentrismo que, explícita ou implicitamente, estão presentes na escola e nas políticas educativas e impregnam os currículos escolares”. É preciso que o professor desenvolva a habilidade de refletir sobre o agir e o pensar de todos os elementos da ação educativa, respeitando as concepções e histórias de vida de seus alunos, para que estes se sintam integrados a um grupo social, onde sua opinião e experiências são fundamentais para a construção dos conceitos que norteiam a aprendizagem num processo coletivo e individual. “Nessa perspectiva, a escola passa a assumir a construção de seus processos educativos com base nas relações interculturais, em que a interação e o diálogo produzam novos significados sobre os diferentes contextos culturais” (Santiago; Akkari; Marques, 2013, p. 181).

Por isso, a urgência em se refletir sobre elementos que colaborem para a elaboração de práticas pedagógicas comprometidas com a aprendizagem de qualquer pessoa, o que implica esforço contínuo de desconstrução de condutas escolares que não promovam a equidade e a democracia em um ambiente de interculturalidade, pois, percebe-se que o espaço escolar se caracteriza pela coexistência, muitas vezes conflituosa, de diferentes culturas, etnias e nacionalidades. Mesmo dentro desse cenário, nota-se, de forma geral, a predominância de atividades escolares alheias à vida dos discentes, descoladas de temas atuais e pouco integradas às suas culturas. Conforme Valenzuela (2014, p. 20):

En la frontera se conforman múltiples campos de intersección cultural referidos al conjunto de elementos culturales compartidos por grupos que poseen matrices culturales diferentes. El concepto de intersección cultural implica procesos socioculturales que contienen elementos comunes y posee dos formas de expresión: la intersección vertical que corresponde a la estructuración de procesos jerárquicos e implica formas de relación institucionalizadas e institucionalizantes, conjuntivas y disyuntivas

Baseada na diferença, a interculturalidade é fruto das interações entre indivíduos e grupos com repertórios culturais distintos, essas se dão de modo simétrico ou não e envolvem relações de poder e elementos de afirmação e de câmbios identitários. Assim, a interculturalidade exige novas formas comunicacionais, em que as diferenças são negociadas no processo de reconhecimento da alteridade e da diversidade cultural. A interculturalidade, nessa abordagem, seria instrumento para o trabalho com as identidades minoritárias, no sentido de seu empoderamento, do reconhecimento de suas subjetividades, e, ao mesmo tempo, uma percepção da identidade nacional enriquecida pela diversidade.

É necessário vislumbrar uma educação que tenha como prática social exercitar o respeito e a valorização do indivíduo enquanto um sujeito de direito e compreender que, para dentro dos muros escolares, é necessário enxergar o aluno como ele é de fato, isto é, em sua diversidade. Portanto, levar em consideração os dizeres de cada criança, respeitando sua singularidade, buscando revisar as práticas pedagógicas monoculturais, ainda, fortemente presentes nas salas de aula, é uma pauta urgente.

Para isso, é necessário, no conjunto coletivo de professores, pensar os currículos, o projeto político pedagógico da escola, além de buscar formações continuadas capazes de trazer reflexões sobre a perspectiva intercultural a todo o corpo docente e demais funcionários, visto que a empatia, o acolhimento e a afetividade devem ser praticadas por todos os que estão em

contato com os alunos, isso é proporcionar um ambiente acolhedor em sua totalidade. A constitutividade do profissional da educação deve priorizar em sua formação uma postura ética, tendo consciência de sua função formadora enquanto prática especificamente humana. Evitando cair no pragmatismo, como repetidores de fazeres não refletido do sistema curricular, sem a mínima responsabilidade, é preciso reverter esse mecanicismo, para encorajar as rupturas de paradigmas que fragmentam a educação escolar brasileira. Freire, (1996) afirma muitas vezes a questão da ética e da transgressão, no sentido de que muitas vezes o professor não reflete a sua prática pedagógica, exercendo um papel apenas no cenário educacional, sem a consciência de sua função profissional, e de sua intervenção no mundo. A sociedade precisa enxergar isso, os próprios profissionais devem compreender que a responsabilidade ética é muito grande, pois estão formando seres humanos, seres históricos capazes de transformar, reformar e se transformar.

A formação continuada oferece aos educadores a oportunidade de adquirir conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para uma educação intercultural de qualidade. Isso inclui o desenvolvimento de competências como a sensibilidade cultural, a capacidade de comunicação intercultural, a consciência dos próprios preconceitos e estereótipos, a adaptação de práticas pedagógicas inclusivas e a promoção do respeito à diversidade.

A formação permanente é igualmente importante, pois a educação intercultural é um processo contínuo de aprendizagem e reflexão. Os educadores devem se manter atualizados sobre as questões e os debates relacionados à diversidade cultural e ao diálogo intercultural. Isso pode envolver participação em cursos, workshops, conferências, grupos de estudo ou outras formas de aprendizado ao longo da vida.

É importante que as instituições educacionais e os sistemas de ensino apoiem e incentivem a formação continuada e permanente dos educadores, fornecendo recursos, tempo dedicado à aprendizagem e oportunidades de desenvolvimento profissional. Isso demonstra um compromisso com uma educação inclusiva e intercultural de qualidade.

#### **4 CONCLUSÃO**

Acredito que as práticas pedagógicas monoculturais podem ser rompidas por meio de estudos e reflexões coletivas possibilitadas através de projetos de extensão, oficinas, ou seja, movimento de capacitação/formação continuada dentro da instituição. Sob tal perspectiva formadora, a escola estará se reconhecendo como um espaço sociocultural e promotora de saberes interculturais, como um espaço que acolhe, respeita e integra a diversidade plural que compreende a comunidade escolar como um todo, a fim de valorizar e enriquecer a diversidade cultural, as várias identidades, para que todas circulem nesse espaço de forma democrática.

A pedagogia terá sempre um valor político, pois estará trabalhando com discussões a respeito dos fins e valores da educação. É na educação infantil o ambiente mais oportuno para que as crianças sejam ouvidas, dar voz às nossas crianças é deixar que elas falem sem interrupções e sem perguntas vazias que nada contribuem para a interação viva e integral.

Desde a educação infantil devemos trabalhar essa língua viva e singular, percebendo o que as crianças pensam e sentem sobre o mundo que as rodeia e como se veem nesse mundo. Rejeitando a visão etnocêntrica que divide a fala em “certo” e “errado” e concebe a língua como uma instituição fixa, pronta e acabada. Para além desse normativismo, o foco deve estar nas interações e nos discursos responsivos entre os pares.

As línguas possuem histórias, são dinâmicas e passíveis de mudanças, abordá-las nessa perspectiva pode conduzir a projetos educacionais riquíssimos, como professora da educação infantil compreendo que é nessa fase que ocorre a socialização primária, propiciando a interação com o meio e com outros indivíduos, há a aprendizagem e apreensão de valores e

condutas, noções de agir e reagir em diversas circunstâncias de acordo a cultura ao qual se está inserido. Por isso, a escola precisa ser um lugar de acolhimento e interação entre-culturas e entre-línguas.

Promover a interculturalidade na educação infantil é uma forma essencial de incentivar o respeito e a valorização da diversidade cultural. Para isso, caminhos possíveis a serem seguidos são o desenvolvimento de um currículo que inclua conteúdos, histórias, brincadeiras e materiais que representem diferentes culturas, estabelecer parcerias com as famílias incentivando-os a compartilhar suas tradições culturais. Apresentar contos, histórias que apresentem personagens de diferentes culturas e tradições, isso ajuda as crianças a desenvolverem empatia, a compreenderem perspectivas diferentes e respeitarem ao próximo.

A educação sob a perspectiva da interculturalidade é para todos, uma vez que na sociedade nós nos encontramos e nos relacionamos, formar professores plurais e sensíveis é enfatizar a importância da alteridade na constituição dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

BÁRBARA, Santa e HAESBAERT, Rogério, M. de J. (2009). **Identidade e Migração em Áreas Transfronteiriças**. *GEOgraphia*, 3(5), 33-46. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2001.v3i5.a13398>, acesso em 05/07/23.

BARTOLOMEU, MA (2006). **Antropologia das fronteiras na América Latina**. *AmeriQuests*, 2 (1). Disponível em: <https://doi.org/10.15695/amqst.v2i1.41>, acesso em 05/07/23.

CANDAU, V. M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996, 148 p.

PELLEGRINI, Domingos. **Brasigatô: haicaipiras no centenário Brasil-Japão**. Beço Horizonte: Leitura, 2008.

SANTIAGO, M. C.; AKKARI, A.; MARQUES, L. P. **Educação Intercultural: desafios e possibilidades**. Petrópolis: Vozes, 2013

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 1988.

VALENZUELA, José Manuel. **Transfronteras: fronteras del mundo y procesos culturales / José Manuel Valenzuela Arce (coordinador)**. — Tijuana : El Colegio de la Frontera Norte, 2014. 336 pp. ; 14 × 21.5 cm - **Transfronteras y límites liminales** - José Manuel Valenzuela Arce el colegio de la frontera norte